

## **USO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE ANIMAIS POR VISITANTES DE EVENTOS DE ADOÇÃO NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE/PB**

Leonardo Afonso Pereira da Silva Filho<sup>1</sup>; Ramon Quaresma Zeferino<sup>2</sup>; Kaline Ligia do Nascimento<sup>3</sup>; Larissa Albuquerque Brito<sup>4</sup>; Camila Firmino de Azevedo<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual da Paraíba, leozinhocg@hotmail.com; <sup>2</sup>Universidade Estadual da Paraíba, ramonzeferino@gmail.com; <sup>3</sup>Universidade Estadual da Paraíba, kaline.dmi@hotmail.com; <sup>4</sup>Universidade Estadual da Paraíba, britos.agro@gmail.com; <sup>5</sup>Universidade Estadual da Paraíba, camfiraze@bol.com.br.

**Resumo:** O uso de plantas medicinais por seres humanos é largamente difundido. As vantagens conseguidas no tratamento com plantas medicinais são inegáveis, principalmente quando considera-se a excelente relação custo/benefício, uma vez que a natureza oferece gratuitamente a cura para as doenças. Dessa forma, a fitoterapia pode se constituir numa importante alternativa no tratamento de várias espécies de animais domésticos, promovendo saúde e qualidade de vida, além da redução dos custos oriundos dos medicamentos. Diante do exposto, objetivou-se avaliar o uso de plantas medicinais no tratamento de animais, por visitantes de eventos de adoção de animais abandonados na cidade de Campina Grande/PB e além disso, contribuir para a utilização racional dessas espécies através de orientações e distribuição de material educativo. As ações para avaliação do uso de plantas medicinais no tratamento de animais foram realizadas durante dois eventos de adoção, através de entrevistas com os visitantes. Além disso, também foram distribuídos um folder de orientação sobre o uso racional de plantas medicinais no tratamento de cães e gatos e mudas de plantas medicinais. Para avaliação do uso de plantas medicinais no tratamento de animais, por visitantes de eventos de feiras de adoção de animais abandonados na cidade de Campina Grande/PB, foram entrevistados 60 visitantes durante dois eventos. Constatou-se que 71,6% dos entrevistados tinham animal em casa e 81,6% disseram que adotariam um animal. Nota-se que 70% dos entrevistados usaram plantas medicinais em humanos, mas somente 21,6% dos entrevistados que tinham animais em casa, já usaram alguma planta medicinal para tratar doenças em animais. Apesar do uso de plantas medicinais em animais ser claramente menor do que em humanos, 70,3% dos entrevistados afirmaram quererem apreender mais sobre plantas medicinais para tratamento animal. Os visitantes de eventos de adoção de animais abandonados da cidade de Campina Grande/PB, em sua maioria, têm cães e/ou gatos em casa e interesse em adotar outros animais. Estes têm conhecimento sobre plantas medicinais e usam essas espécies para tratamentos em humanos, mas não tem o costume de utilizar no tratamento de seus animais. Mesmo assim, afirmam ter interesse em aprender sobre o uso seguro e racional dessas plantas em cães e gatos, uma vez que pode representar um tratamento barato e eficiente, demonstrando a importância de ações educativas sobre o tema.

**Palavras-chave:** fitoterapia; bem estar animal; agroecologia.

### **Introdução**

Existe uma enorme variedade de espécies de plantas que podem ser usadas em animais com fins medicinais, propiciando um tratamento eficaz e barato, muitas das quais também são utilizadas em humanos (OLIVEIRA et al., 2009; BOELTER, 2010; PAIVA et al., 2010; LIMA et al., 2012; SILVA et al., 2013;

(83) 3322.3222

contato@conidis.com.br

[www.conidis.com.br](http://www.conidis.com.br)

FURTADO et al., 2016). As vantagens conseguidas no tratamento com plantas medicinais são inegáveis, principalmente quando considera-se a excelente relação custo/benefício (ação biológica eficaz com baixa toxicidade), uma vez que a natureza oferece gratuitamente a cura para as doenças (OZAKI et al., 2006).

No que diz respeito ao uso de plantas medicinais para o tratamento dos animais, a procura vem aumentando gradativamente, principalmente devido à pressão do consumidor, que cada vez mais anseia por mercadorias produzidas de forma ecologicamente correta (OLIVEIRA et al., 2009). E além disso, tutores de animais de estimação têm buscado tratá-los com produtos naturais, devido à redução dos efeitos colaterais indesejáveis (OZAKI et al., 2006), no entanto ainda é necessária a realização de projetos que estimulem a utilização de plantas medicinais em animais, de forma a promover o uso racional e eficaz dessas espécies.

Diversas plantas medicinais utilizadas no tratamento de animais têm sido pesquisadas. A babosa (*Aloe vera*) é usada para tratamentos de pele em cães e gatos assim como para a constipação dos mesmos (OZAKI et al., 2006), as sementes da abóbora (*Cucurbita pepo*) são usadas no tratamento das teníases dos animais domésticos (BOELTER, 2006), a hortelã (*Menta piperita*) é repelente e ajuda a combater vermes (BOLTER, 2006); dentre outras. Deve-se atentar que o uso de plantas medicinais em animais deve ser racional, observando-se bem as dosagens e a finalidade medicinal de cada planta para evitar problemas de toxicidade (OZAKI et al., 2006, OLIVEIRA et al., 2009), portanto é fundamental trabalhos educativos que orientam os tutores dos animais, instruindo-os a respeito do uso seguro de cada espécie vegetal. Por estes motivos, reconhece-se a importância dos programas de educação socioambiental relacionados ao bem estar homem-animal (AZEVEDO et al., 2015).

A acessibilidade a plantas medicinais possibilita que pessoas de baixa renda, que muitas vezes não têm condições financeiras de levarem seus animais ao veterinário e de comprar medicamentos, possam tratar seus animais com segurança (OZAKI et al., 2006). No entanto, é importante ter conhecimento de qual planta usar e sua finalidade. O tratamento fitoterápico tem um custo baixo, ou mesmo gratuito, no caso dos mesmos já terem plantas medicinais em suas propriedades ou adquirirem por meio de conhecidos ou vizinhos (LIMA et al., 2012).

Diante do exposto, objetivou-se avaliar o uso de plantas medicinais no tratamento de animais, por visitantes de eventos de adoção de animais abandonados na cidade de Campina Grande/PB e além disso, contribuir para a utilização racional dessas espécies através de orientações e distribuição de material educativo.

## **Metodologia**

As ações para avaliação do uso de plantas medicinais no tratamento de animais foram realizadas em parceria com a ONG (Organização Não Governamental) de proteção animal A4 (Associação de Amigos dos Animais Abandonados da Paraíba), que atua no município de Campina Grande – PB e em cidades circunvizinhas; durante dois eventos de adoção em diferentes pontos da cidade de Campina Grande/PB, que ocorreram nos dias 8 de julho e 5 de agosto de 2017. Para tal, foram feitas entrevistas com os visitantes através da aplicação de questionários semiestruturados que continham perguntas relacionadas principalmente à utilização das plantas no tratamento dos animais, além da caracterização socioeconômica do entrevistado e do seu convívio com animais de companhia.

Além disso, também foram distribuídos com o público participante, um folder de orientação sobre o uso racional de plantas medicinais no tratamento de cães e gatos e mudas de plantas medicinais produzidas no Centro de Ciências Agrárias e Ambientais da Universidade Estadual da Paraíba.

Para a formação do banco de dados foram tomados os dados obtidos através do preenchimento do questionário, que foram analisados através de estatística descritiva, e posteriormente tabulados através do software editor de planilhas Excel, sendo elaboradas tabelas de quantificação das respostas, que foram apresentadas em porcentagem, sendo os dados analisados descritivamente.

## **Resultados e discussão**

Para avaliação do uso de plantas medicinais no tratamento de animais, por visitantes de eventos de feiras de adoção de animais abandonados na cidade de Campina Grande/PB, foram entrevistados 60 visitantes durante dois eventos. Destes, 36% eram mulheres e 64%, homens (Figura 1A). Com respeito a idade dos entrevistados (Figura 1B), 8,3% tinham entre 13 e 20 anos, 3,3% tinham entre 21 e 25 anos, 18,3% entre 26 e 30 anos, 13,3% entre 31 e 35 anos, 18,3% entre 36 e 40 anos, 6,6 entre 41 e 45 anos, 11,6% entre 46 e 50 anos, 20% entre 51 e 68 anos. Com respeito a escolaridade (Figura 1C), nota-se que 1,6% eram analfabetos, 5% possuíam o ensino fundamental I, 13,3% o ensino fundamental II, 38,3% o ensino Médio e 41,6% o Ensino Superior.

Em relação aos motivos de estarem visitando o evento de adoção (Figura 2), vê-se que 50% estavam passando e resolveram olhar, 5% ficaram sabendo por outrem e resolveram fazer alguma doação, 28,3% tomaram conhecimento

do evento e vieram adotar um animal, 16,6% alegaram outros motivos. Eventos de adoção de animais abandonados têm sido realizados em diversas cidades brasileiras (JOFFILY et al., 2013; OSÓRIO, 2013; LEWGOY et al., 2015; PASTORI e MATOS, 2015), com o objetivo principal de reduzir o número de animais abandonados e de difundir os conceitos da guarda responsável através das ações educativas. Joffily et al. (2013) explica que a difusão destas medidas, por meio da educação da população diretamente envolvida, é de grande importância para evitar que medidas direcionadas ao controle de animais errantes venham a aumentar registros de atos de abandono no local.

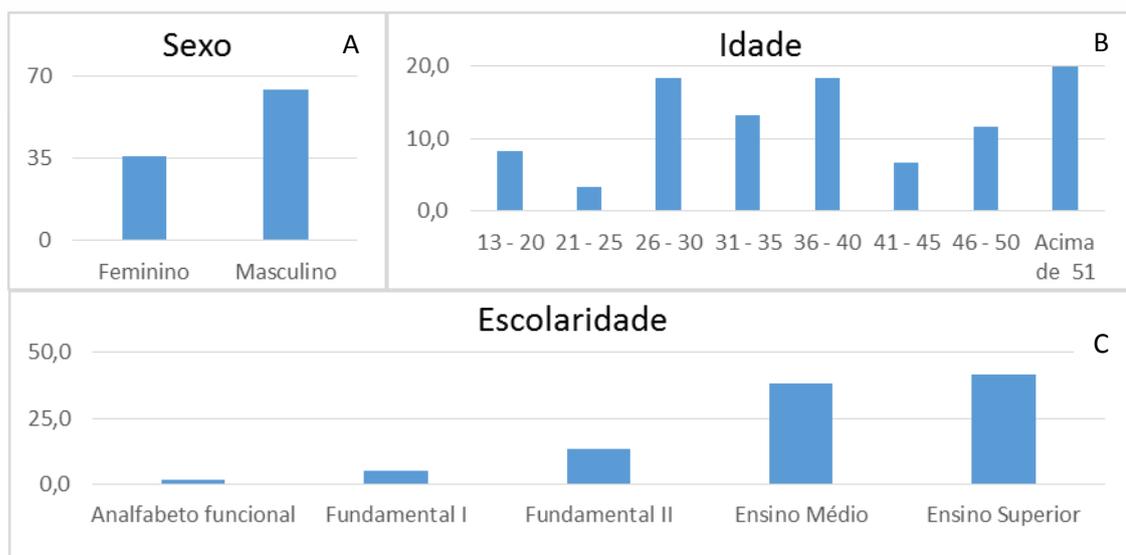


Figura 1. Caracterização dos visitantes de feiras de adoção de animais abandonados na cidade de Campina Grande/PB. A. Sexo. B. Idade. C. Escolaridade.



Figura 2. Motivo da visita às feiras de adoção de animais abandonados na cidade de Campina Grande/PB.

Todos os entrevistados disseram que gostavam de animais e a grande maioria (81,6%) respondeu que adotaria (Figura 3A), sendo que 71,6% tinha algum animal em casa (Figura 3B), que foram adquiridos por meio de compra, ganho e adoção da rua ou a partir de pessoas ou ONGs que

ajudam animais. É necessário que a população conheça os conceitos da guarda responsável, que segundo Langoni et al. (2011), se dá com cuidados adequados de vacinação, vermifugação, alimentação, castração, higiene, segurança, conforto, entre outros cuidados adotados aos animais de estimação, sendo que os proprietários devem responder legalmente por eventuais agravos e danos que seus animais produzam a seres humanos, outros animais, bens públicos e particulares.

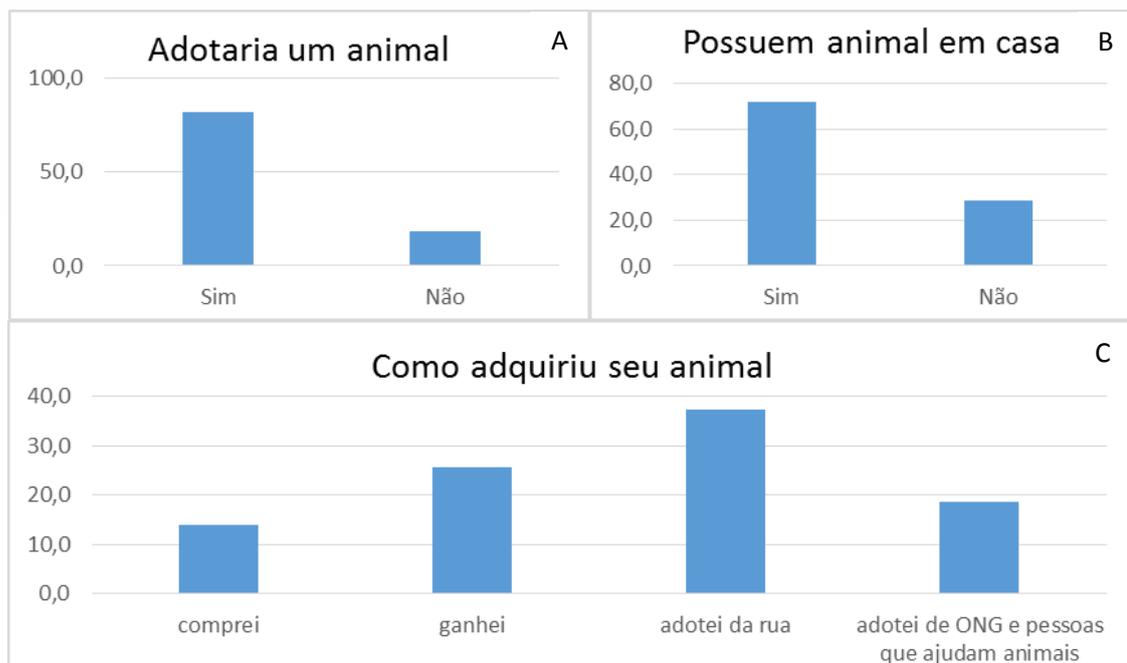


Figura 3. Relação dos visitantes de feiras de adoção de animais abandonados na cidade de Campina Grande/PB com os animais. A. Adotariam um animal. B. Possuem animal em casa. C. Forma como adquiriram seus animais.

A maioria dos visitantes dos eventos de adoção (76,7%) disse que levavam seus animais ao veterinário periodicamente, enquanto os demais disseram que nunca os tinham levado ao veterinário (4,66%) ou só levavam se estivessem doentes (18,6%) (Figura 4A). Visitas periódicas ao veterinário são de grande importância para saúde do animal, uma vez que este pode transmitir algumas doenças (AZEVEDO et al., 2015). Por isso, além de adotar a fitoterapia como terapêutica, é imprescindível a consulta a um especialista, que a partir da observação dos sintomas manifestados, descobrirá as causas da doença e irá traçar as diretrizes do tratamento para o animal (OZAKI et al., 2006).

No que se refere à vacinação (Figura 4B), 6,9% afirmaram que nunca tinham vacinado seus animais, 18,6% já vacinaram uma ou duas vezes, 37% vacinavam contra raiva anualmente, 37,5% tomaram vacina antiviral. Já em relação à vermifugação (Figura 4C), 6,9% disseram que seus animais não tomavam, 2,4%

não sabiam, 2,4% tinham dado uma vez, 18,6% só quando tem verme, 69,7% davam vermífugo periodicamente. O estreito convívio entre seres humano e animais não humanos sem os cuidados necessários pode oferecer riscos para a saúde pública, prejudicando o bem estar dos homens e dos animais como no caso do aparecimento das zoonoses, além disso, é importante considerar que quanto menos cuidados dispensamos aos animais, há mais riscos estamos expondo a saúde humana (ZETUN, 2009). No âmbito da vacinação, especialmente a antirrábica, esta tem de ser ampla e acessível para a população, com a promoção, pelo Estado, de amplas e intensas campanhas educacionais na mídia e nas escolas, tratando da necessidade de se vacinar o animal, aproveitando-se da ocasião para efetivar a educação para a guarda responsável, visando erradicar as zoonoses e elevar o bem estar animal e humano; além de tornar-se obrigatória e gratuita a vacina contra a raiva (SILVANO et al., 2010).

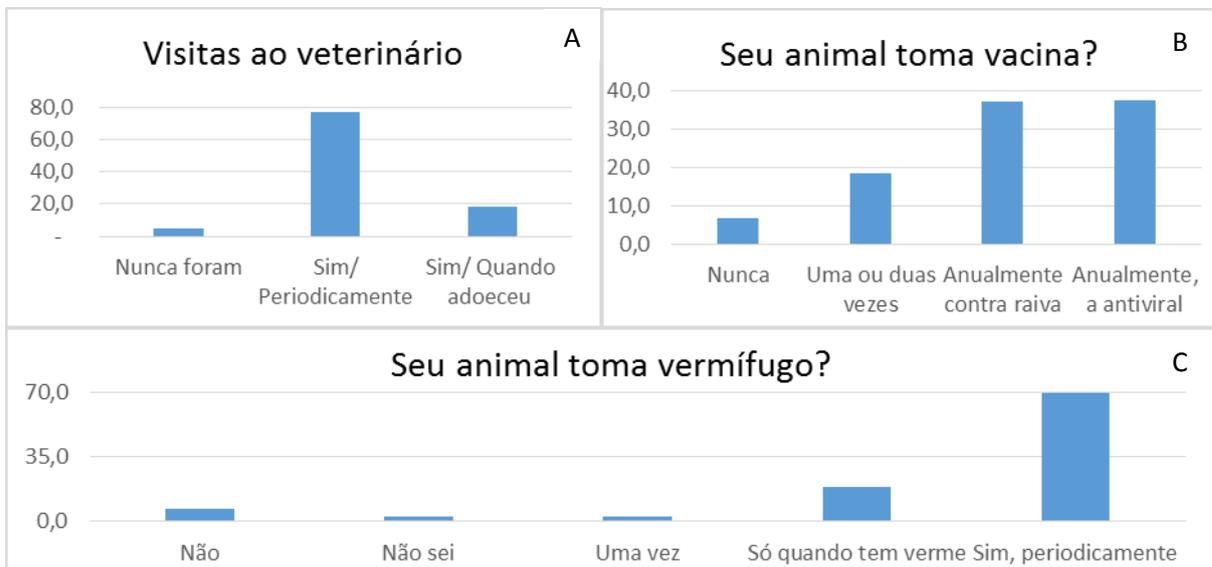


Figura 4. Dados referentes ao cuidado da saúde dos animais dos visitantes de feiras de adoção de animais abandonados na cidade de Campina Grande/PB. A. Visitas ao veterinário. B. Seu animal toma vacina? C. Seu animal toma vermífugo?

Observa-se que 46,2% dos entrevistados acham que os animais podem transmitir alguma doença e 53,8% creem que não (Figura 5A). Em relação à castração dos seus animais, 53,4% dos entrevistados disseram que seus animais eram castrados; 44,2%, que não; e 2,4% tinham alguns dos seus animais castrados e outros não (Figura 5B). Todos os visitantes da feira de adoção que possuíam animais em casa afirmaram que se sentem felizes com a presença de seus animais em seus lares. No estudo ficou evidente que, 91,6% dos entrevistados acreditam que a cidade de Campina Grande precisa de um projeto voltado para a saúde e bem-estar animal (Figura 5C). Além das

dificuldades decorrentes da falta de informação ao adquirir um animal, outro fator que é responsável pelo grande número de animais abandonados nas grandes cidades são os cruzamentos indesejados (ZETUN, 2009), que podem ser minimizados com campanhas de castração e educação. Um dos principais problemas oriundos da superpopulação desses animais decorre de os mesmos estarem expostos a todo tipo de doenças, intempéries e perigos, sendo vítimas de várias zoonoses, doenças carenciais e mutilações, constituindo um sério problema de saúde pública. Essa problemática é agravada em virtude do acelerado grau de reprodução e proliferação desses animais (SANTANA et al., 2004).

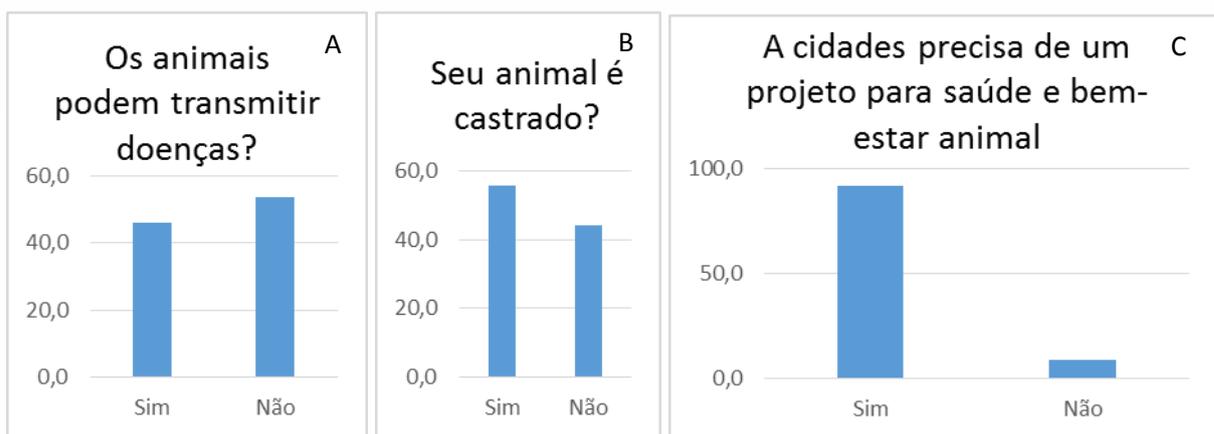


Figura 5. Caracterização dos entrevistados das feiras de adoção em Campina Grande/PB quanto a saúde e bem-estar animal. A. Transmissão de doenças. B. Castração. C. A cidade precisa de um projeto para saúde e bem-estar animal?

Dos entrevistados, 70% já usaram alguma planta medicinal para tratar alguma doença em humanos, seja em si próprio ou em alguém da família. 56,6% já tiveram conhecimento que plantas medicinais podem ser utilizadas em animais (Figura 6A), No entanto, apenas 21,6% tinham utilizado plantas medicinais para tratamento de alguma enfermidade em animais (Figura 6B). Ao serem perguntados como aprenderam a utilizar plantas medicinais (Figura 6C), a maioria não soube responder (61,6%) e 73,3% afirmaram que gostariam de aprender a utilizar plantas medicinais em animais de forma segura e racional (Figura 6D). O uso de plantas medicinais é uma prática que vem se mantendo em evidência pelos valiosos ensinamentos propagados por todas as nossas gerações passadas garantindo assim, a base milenar do uso de plantas medicinais no tratamento de doenças, podendo tomar o lugar de muitos fármacos médico-veterinários (OZAKI et al., 2006).

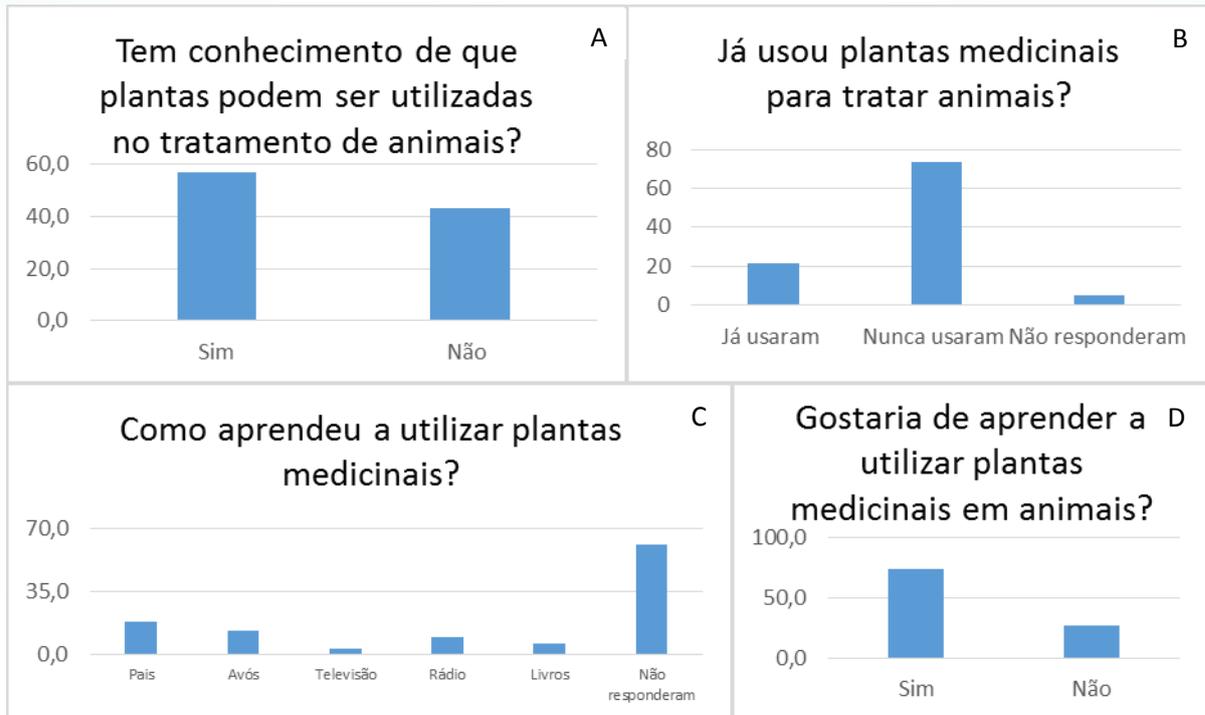


Figura 6. Caracterização dos visitantes de feiras de adoção de animais abandonados na cidade de Campina Grande/PB em relação ao uso de plantas medicinais. A. Tem conhecimento de que plantas podem ser utilizadas no tratamento de animais? B. Já usou plantas para tratar animais? C. Como aprendeu a utilizar plantas medicinais? D. Gostaria de aprender a utilizar plantas medicinais em animais?

Nota-se então que o índice de uso de plantas medicinais em humanos é maior do que em animais, ressaltamos então a carência de práticas e saberes fitoterápicos para animais. O uso de plantas medicinais em animais pode ser benéfico tanto quanto pela eficiência de tratamentos fitoterápicos, como pela constatação de uma grande variedade de plantas medicinais que podem ser usadas em animais (BOELTER, 2010), um custo baixo deste tratamento aliado a um grande benefício (OZAKI et al, 2006).

Após as entrevistas, os visitantes foram orientados sobre a utilização racional de plantas medicinais no tratamento de animais, utilizando-se como material de apoio, um folder informativo sobre o tema (Figura 7). Além disso, também foram distribuídas mudas de plantas medicinais, a exemplo de babosa, manjeriço, hortelã-da-folha-grossa, capim-santo, boldo-brasileiro, boldinho, saião e erva-cidreira, com o intuito de estimular o cultivo doméstico de plantas que podem ser usadas no tratamento caseiro de cães e gatos. A fitoterapia pode se constituir numa importante alternativa no tratamento de várias espécies de animais domésticos, promovendo saúde e qualidade de vida, além da redução dos custos oriundos dos medicamentos (BOELTER, 2010), especialmente quando se trata de cães e gatos abandonados, já que comumente são recolhidos, em grande número, por ONG's e associações de proteção

animal e Centros de Controle de Zoonoses (CCZ's), que apresentam, no geral, estrutura precária e pouco apoio do poder público (CARNEIRO et al., 2011; MATOS, 2012; COSTA NETO et al., 2013), na maioria das cidades brasileiras.



**PLANTAS MEDICINAIS NO  
TRATAMENTO CASEIRO DE CÃES  
E GATOS**





**AROEIRA** – Lavar feridas na pele com o chá da casca do caule para acelerar a cicatrização.

**BABOSA** – O gel (miolo das folhas) pode ser aplicado direto em feridas para cicatrização e em lesões causadas por sarna. O equivalente a uma colher de café do gel também pode ser dado a cães com constipação, mas deve ser usado até uma vez por semana.

**BOLDINHO ou BOLDO** - O chá, feito com uma colher de sopa de folhas frescas para uma xícara de chá de água fervente, pode ser usado para problemas no fígado, má digestão e cólica. Dar 5 ml para cães e 1 ml para gatos até 3 vezes ao dia.

**CALÊNDULA** – O chá, feito com uma colher de chá de flores secas para uma xícara de chá de água fervente, deve ser usado para tratar afecções da boca e gengiva. Borrifar um jato uma vez ao dia em gatos. Para cães, borrifar dois jatos.

**CAMOMILA** – O chá, feito com uma colher de chá de flores secas para uma xícara de chá de água fervente, pode ser usado no tratamento de úlcera, gastrite, doenças inflamatórias intestinais, vômito, má digestão e cólica. Botar na água do animal uma vez ao dia ou quando necessário.

**CAPIM-SANTO** – O chá, feito com uma colher de sopa de folhas frescas para uma xícara de chá de água fervente, pode ser usado como calmante e para febre. Dar 5 ml para cães e 1 ml para gatos até 3 vezes ao dia.

**HORTELÃ-MIÚDA** – Para problemas respiratórios, amassar as folhas e botar na caminha do animal. Para flatulência e enjojo de viagem em cães, dar 5 ml do chá feito com uma colher de sopa de folhas frescas para uma xícara de chá de água fervente. O chá também pode ser borrifado no pelo do animal, evitando a cabeça, como aromatizante.

**MARACUJÁ** – O chá, feito com uma colher de sopa de folhas frescas para uma xícara de chá de água fervente, tem efeito calmante e para insônia. Dar 5 ml para cães e 1 ml para gatos à noite.

**MELÃO-DE-SÃO-CAETANO** – O chá, feito com uma xícara de chá de folhas frescas para cinco xícaras de chá de água fervente, auxilia no tratamento de sarnas e tem efeito repelente de pulgas e carrapatos. Molhar o animal com o chá no final do banho.

**NIM** - O chá, feito com uma xícara de chá de folhas frescas para dez xícaras de chá de água fervente, tem efeito repelente e carrapaticida. Molhar o animal com o chá no final do banho.

**ORÉGANO** - O chá, feito com uma colher de chá de folhas frescas para uma xícara de chá de água fervente, pode ser borrifado na pele do animal para o tratamento de fungos.

OBS: Todo chá deve esfriar tampado.

Nunca dê ao seu animal plantas que não saiba identificar ou que tiver alguma dúvida de como usar, pode ser perigoso para a saúde dele.



Figura 7. Folder distribuído nos dois eventos de adoção em Campina Grande/PB informando aos visitantes sobre o uso de algumas plantas medicinais para cães e gatos.

## Conclusões

Os visitantes de eventos de adoção de animais abandonados da cidade de Campina Grande/PB, em sua maioria, têm cães e/ou gatos em casa e interesse em adotar outros animais. Estes têm conhecimento sobre plantas medicinais e usam essas espécies para tratamentos em humanos, mas não tem o costume de utilizar no tratamento de seus animais. Mesmo assim, afirmam ter interesse em aprender sobre o uso seguro e racional dessas plantas em cães e gatos, uma vez que pode representar um tratamento barato e eficiente, demonstrando a importância de ações educativas sobre o tema.

## Fomento

PROBEX/UEPB – Programa de Consessão de Bolsas de Extensão – e PROEX – Programa de Apoio à Extensão Universitária MEC/SESu.

## Referências

ARNOUS, A. H. et. al. Plantas medicinais de uso caseiro: conhecimento popular e interesse

- por cultivo comunitário. **Revista Espaço para a Saúde**, v. 6, n. 2, p. 1-6, 2005.
- AZEVEDO, C. F. et al. Avaliação do bem estar de animais de companhia na comunidade da Vila Florestal em Lagoa Seca/ Paraíba. **Archives of Veterinary Science**, v. 20, n. 2, p. 06-15, 2015.
- BOELTER, R. **Plantas medicinais usadas na medicina veterinária**. 2 ed. São Paulo: Organização Andrei Editora LTDA, 2010.
- CARNEIRO, G.R. et al. Os invisíveis: animais de tração e o abandono de cães e gatos em Campina Grande. Trabalho de Conclusão de Curso (**Graduação em Comunicação Social**). Campina Grande – PB: Universidade Estadual da Paraíba, 2011.
- CEOLIN, T. et. al. Plantas medicinais: transmissão do conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 45, n. 1, p. 47-54, 2011.
- COSTA NETO, B.M. et al. Educação socioambiental como estratégia de melhoria do bem-estar animal. In: SEABRA, G. **Terra: qualidade de vida, mobilidade e segurança nas cidades**. 1 ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2013. p. 508-516.
- FURTADO, D.A. et al. Plantas medicinais para uso animal. In. BARACUHY, J.G.V. **Plantas medicinais de uso comum no Nordeste do Brasil**. 2 ed. Campina Grande: EDUFPG, 2016. p. 73-89.
- JOFFILY, D. et al. Medidas para o controle de animais errantes desenvolvidas pelo grupo pet medicina veterinária da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. **Em Extensão**, v. 12, n. 1, p. 197-211, 2013.
- LANGONI, H. et. al. Conhecimento da população de Botucatu-SP sobre guarda responsável de cães e gatos. **Veterinária e Zootecnia**. v. 18, n. 2, p. 297-305, 2011.
- LEWGOY, B. et al. Domesticando o humano para uma antropologia moral da proteção animal. **ILHA - Revista de Antropologia**, v. 17, n. 2, p. 75-100, 2015.
- LIMA, R.P. et al. Emprego de plantas medicinais em animais de companhia e de produção da zona rural do município de Juru-PB. **Revista de Biologia e Farmácia**, v. 8, n. 1, p. 85-92, 2012.
- MATOS, L.G. Quando a “ajuda é animalitária”: um estudo antropológico sobre sensibilidades e moralidades envolvidas no cuidado e proteção de animais abandonados a partir de Porto Alegre/RS. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia Social). UFRS, Porto Alegre, 2012.
- NOGUEIRA, D.M. et al. Avaliação de plantas medicinais no controle de nematódeos gastrintestinais de caprinos criados em sistema de base

- agroecológica. **Revista Científica de Produção Animal**. v.8, n.2, p. 35-40, 2006.
- OLIVEIRA, L.S.T. et al. Uso de plantas medicinais no tratamento de animais. **Enciclopédia Biosfera**. v. 5, n. 8, p. 1-8, 2009.
- OSÓRIO, A. A cidade e os animais: da modernização à posse responsável. **Teoria e Sociedade**, v. 1, n. 21, p. 143-176, 2013.
- OZAKI, A.T. et al. Fitoterápicos usados na medicina veterinária, em cães e gatos. **Infarma**. v.18, n 11/12, p. 17-25, 2006.
- PAIVA, A.L.C. et al. Uso das plantas medicinais na criação animal. 1 ed. Natal, RN: s.e., 2010. 33 p.
- PASTORI, E.O.; MATOS, L.G. Da paixão à “ajuda animalitária”: o paradoxo do “amor incondicional” no cuidado e no abandono de animais de estimação. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, v. 3, n. 1, p. 112-132, 2015.
- SANTANA, H. J. Abolicionismo Animal. **Revista de Direito Ambiental**. n.6, p.85-109, 2004.
- SILVA, W.M.O. et al. Uso popular de plantas medicinais na promoção da saúde animal em assentamentos rurais de Seropédica – RJ. **Revista Brasileira de Ciências Veterinárias**, v. 20, n. 1, p. 32-36, 2013.
- SILVANO, D. et al. Divulgação dos princípios da guarda responsável: uma vertente possível no trabalho de pesquisa a campo. **Revista Eletrônica Novo Enfoque**, v. 9, n. 9, p. 64-86, 2010.
- ZETUN, C. B. Análise quali-quantitativa sobre a percepção da transmissão de zoonoses em Vargem Grande, São Paulo (SP): a importância dos animais de companhia, da alimentação e do ambiente. Dissertação (**Mestrado em Medicina Veterinária**), USP, São Paulo, 2009.